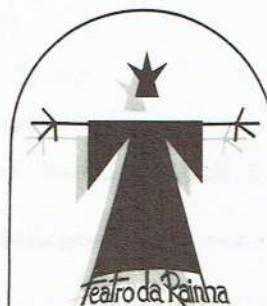


O T E A T R O D A R A I N H A

ANTÓNIO PLÁCIDO
FERNANDO MORA RAMOS
ISABEL LEITÃO
ISABEL LOPES
ISABEL MUÑOZ CARDOSO
JOSÉ CARLOS FARIA
JOSÉ EDUARDO
JOSÉ MORA RAMOS
JOSÉ PEIXOTO
VITOR SANTOS

colaboradores permanentes:

AMÉRICO FIALHO
CARLOS ALBERTO AUGUSTO
CONCEIÇÃO MARQUES
EDGAR MARCELO
HELENA SANTANA
JOAQUIM ANTÓNIO SILVA
JOSÉ CORREIA
JOSÉ DE SOUSA
TERESA GONÇALVES



NOTAS A PROPOSITO DE UMA MONTAGEM

- 1 . Numa entrevista recente H. Müller considera o animal-homem uma máquina com um defeito de fabrico, funcionando mal. Propõe-se então através do seu teatro tentar descobrir a origem dessa falha. Isso interessa-nos. Montar um espectáculo é um bom exercício para compreender como esse ser defeituoso se comporta nas suas múltiplas relações com o mundo, no conflito das suas infinitas contradições. Sem muitas respostas para as muitas perguntas, para o que nos inquieta procuramos explicação. Com a certeza de não termos nenhuma missão particular na Terra, não nos ocupamos com didactismos, lemas ou credos. Se por acaso, por detrás do que fazemos, se vislumbra qualquer projecto, não nos podemos furtar às nossas utopias. Seja lá o que for, o futuro será o resultado de muitas vontades e o que fazemos é apenas mais uma opinião. Montar um espectáculo oferece-nos a possibilidade de pesquisar "a falha humana"; exhibi-lo oferece-nos a possibilidade de tornar o que fazemos objecto de pensamento. Sem qualquer outra recompensa; é quanto nos basta.
- 2 . Num espaço de ficção - ficção do espaço, terra de ninguém, desconhecido, futuro ou local do irremediável destino humano - Müller recoloca em cena as personagens de Sófocles, vindas do espaço anterior à ficção ou da realidade. Entre si as personagens tecem um jogo de dependências, condicionando todas as acções, opções, atitudes. Determinando-se reciprocamente numa engrenagem que um poder sem rosto tutela, da qual não é possível a libertação, nem destino individual. O espaço torna-se um inferno de onde não é possível regressar, a caminhada humana, uma caminhada no espaço de morte, em direcção a Troia, a sem saída de todas as guerras da existência humana. Prisioneiros de uma sociedade de que não podemos fugir, mesmo na nossa divergência, indagamos o sentido da caminhada (e da divergência) desde Sófocles que não foi amigo de Müller até nós que não conhecemos Müller pessoalmente. Filoctetes alarga-nos o campo da nossa problemática que, em relação à "Hora do Lobo" se torna mais geral e abstracta. Com Hein era possível o reconhecimento das personagens e do quotidiano, quase uma identificação, um processo nosso. Com Müller acentua-se o carácter trágico do destino humano - individual e colectivo - das nossas escolhas ao serviço de quem e do quê. Uma busca - como diz Müller - do possível, objecto da política e do impossível, objecto da arte.

3 . A busca do impossível exige uma grande coragem e aqui fazer teatro é aceitar comer o pão que o diabo amassou. Só a paixão pelo que se faz justifica o que é feito . Quando vejo os meus companheiros de trabalho saltarem do palco, agarrarem nas ferramentas, iludindo o cansaço transformarem-se em carpinteiros ou electricistas desenvolvendo pequenas e grandes tarefas que não as da sua própria arte, não posso ignorar por mais tempo o meu egoísmo e visto as calças mais velhas para me juntar a eles. Sabendo que fabricam o supérfluo e o efémero mas que são o sal da vida, lá estão eles tão sensíveis ao que nos traz o nosso músico, como ao que nos faz o nosso carpinteiro. Gosto deles, dessas almas grandes onde é possível inscrever os grandes gestos e as pequenas misérias humanas. Sinto-me bem entre essa gente inquieta que não pensa que tudo está bem só porque é hábito.

JOSE PEIXOTO

P H I L O K T E T

D E

H E I N E R M U L L E R

(e x c e r t o s)



PAISAGEM COM ARGONAUTAS

...

Os mortos diz-se ficam de pé no fundo
Nadadores verticais Até que os seus ossos repousem
Acasalamento dos peixes no peito vazio
Conchas incrustadas no alto do crâneo
A sede sinónimo de fogo
A água o nome do que arde sobre a pele
A fome corrói as gengivas o sal os lábios
As obscenidades aguilhoam a carne solitária
Até que o homem salte à garganta do homem
O calor das mulheres um estribilho
As estrelas painéis de sinalização frios
O céu exerce uma vigilância glacial
Ou então esse desembarque desastroso Frente ao mar
O bater das latas de cerveja

A VIDA DE UM HOMEM

Recordação de uma batalha de tanques
Minha travessia dos subúrbios Eu
Entre ruínas e entulho crê
O NOVO Coelheiras de fornicção com aquecimento urbano
O pequeno écran vomita o mundo na sala
O desgaste calculado de antemão. O contentor
Serve de cemitério. Silhuetas nos escombros
Indígenas do betão Parada
Dos mortos-vivos entrecortada de spots publicitários
Em uniforme da moda de ontem de manhã
A juventude de hoje Espectros
Dos mortos da guerra que terá lugar amanhã
O que sobra as bombas engendram-no
Num faustoso acasalamento de albumina e ferro branco
As crianças inventam paisagens de lixo
Uma mulher será a acalmia do costume

ENTRE AS COXAS

A MORTE TEM UMA ESPERANÇA

...

Lotringer - Então as suas peças são uma maneira de se ver livre da história mais do que uma maneira de falar nela? Mas "história" é uma palavra tão abstracta. As memórias do seu pai, da guerra, do campo de concentração, do acampamento americano, todos esses muros e cercas, são realmente as raízes da sua preocupação com a história?

Müller - Acho que sim. Para mim, como experiência pessoal, a história é isso, a confrontação com o poder. Pegue, por exemplo, na minha versão do PHILOCTETES de Sófocles. Na minha peça, o Philoctetes é morto pelo seu amigo, Neoptolemo. O argumento desenvolve-se da seguinte maneira: Philoctetes odeia Odysseus. Mas Odysseus percebe que eles necessitam de Philoctetes para acabar com a guerra de Tróia. Pede a Neoptolemos para convencer Philoctetes a ir com eles. Neoptolemos não quer mentir e portanto revela a Philoctetes que foi Odysseus quem o enviou. Philoctetes não percebe os motivos de Neoptolemos e a perspectiva de um acordo entre Philoctetes e Odysseus desaparece. Philoctetes quer matar Odysseus, mas é Neoptolemos quem acaba por matar Philoctetes. Odysseus diz-lhe, então, que o cadáver de Philoctetes serve tão bem como o corpo com vida. Mostra o cadáver às tropas de Philoctetes e diz-lhes que ele foi morto pelos Troianos, quando estes se deram conta de que não conseguiam persuadi-lo a lutar do lado deles.

Lotringer - Portanto Odysseus é o poder do Estado e a sua astúcia é inerente a este poder.

Müller - Estas são três atitudes perante a história, perante a política: Odysseus é o pragmático e Neoptolemos o inocente. Ele mata porque é inocente. Philoctetes está para além da história porque é a vítima da política.

Lotringer - O inocente acaba sempre por ficar com as mãos sujas.

Müller - Sim.

Lotringer - Se o problema com a história é muito um problema com o poder, deveríamos assumir que a história acabou?

Müller - O poder está a tornar-se mais e mais espectacular e irreal. Está a tornar-se um poder-teatro. Os seus elementos teatrais estão a ficar cada vez mais claros. Já ninguém tem realmente poder e isto é uma coisa com que se pode jogar.

Lotringer - A representação do poder está cada vez mais divorciada do verdadeiro poder.

Müller - É cada vez mais uma moldura vazia. Já não contém qualquer conteúdo. É como um jogo de ténis.

ULISSES

... Não és dotado para o roubo e para a mentira,
Eu sei, Mas doce é a vitória filho de Aquiles.
Por isso, por um dia, não mais que um dia, suja
A tua língua; depois vive a tua vida na virtude,
Como quiseres, enquanto ela durar.
Tóds nós estaremos condenados às trevas se recusares.

NEOPTOLEMO

Nada de bom produz a terra apodrecida.

ULISSES

A terra é uma coisa, outra coisa a árvore.

NEOPTOLEMO

A tempestade pergunta à árvore pela sua raiz.

ULISSES

Não pergunta à floresta.

NEOPTOLEMO

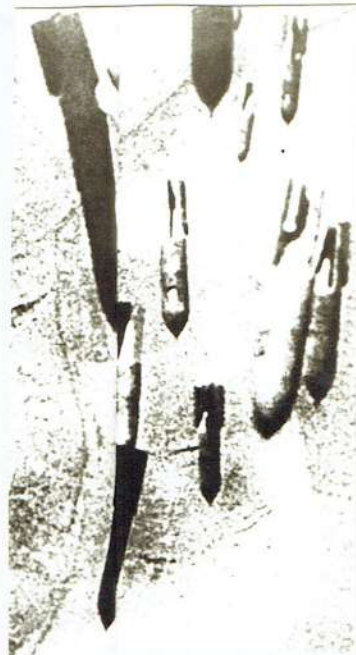
A floresta, que o fogo devora.

ULISSES

Ou as águas que revolvem a terra.
Outra causa, outra morte. O que vem vai
E do resto falaremos sobre as ruínas de Troia.

NEOPTOLEMO

Quisera não ter ouvidos para te ouvir nem língua para falar.
Diz-me as mentiras que tenho de dizer.



ULISSES

Nesta querela não serás o primeiro
A fazer o que não quer. Já o fizemos antes de ti.
Estando o teu pai disfarçado com roupas de mulher,
Fui eu que lhas retirei mascarado de vendedor de
Utensílios de tecelagem e de instrumentos de morte.
Tinha exposto as duas coisas
Perante as mulheres do palácio
Uma das quais era um homem não identificável ao olhar
E desmascarou-se pelo receio das ferramentas
E pela atracção das armas.
Também a mim outrora me alistaram os príncipes
Na guerra deles: nesse tempo fingia eu de louco,
Espalhando o sal nos sulcos abertos pela charrua,
Chamando aos bois sob o jugo meus generais,
E fingindo desconhecer gente minha conhecida
Arrancaram o meu filho dos braços da minha mulher
E atiraram-mo para diante da charrua.
Com esforço consegui deter a junta de bois,
Duas vezes quatro cascos, uma vez em movimento,
São difíceis de parar,
Antes que o precioso sangue me adubasse a terra
Que eu corrompia com sal para me poupar.
Assim fui levado pelo meu perfeito juízo
E foi-me impossível escapar ao dever.
Mas basta. Como é que me queres? De joelhos?

FILOCTETES

Não enterrem o meu corpo em terra estrangeira
Nem na terra natal.
Que o meu pó não se misture com o vosso
Quando o rio de pedra me arrastar às profundezas
E também não me queimem, nem dispersem as minhas cinzas
No vazio aparente, que elas não se confundam com os vossos restos
Em cinzas ao acaso do vento. E não me deixem exposto
Aos abutres, têm em si morte bastante.
Não me entreguem aos peixes, a minha carne podia tornar-se
Vosso porto, nem ao implacável divertimento do sal,
Que talvez em breve se divertirá também à vossa custa,
Torrente de palavras dissolvendo a vossa carne e os vossos ossos,
Até que sejais iguais a sal e a mim tornado sal,
Um pouco antes e enquanto o sal for idêntico a si próprio, nós permaneceremos nós próprios.
Levem-me à cratera de onde o fumo se eleva
Do sol que queima debaixo dos nossos pés,
Sem nascentes nem poentes,
E deixem-me cair pelo meu peso,
Mais rápido com um pé do que com mil,
Através do fumo que sobe, para o fogo sem partilha.

FILOCTETES

A sombra de uma sombra passou,
Uma miragem engendrada pelo sol
Fornicando a pedra do meio dia.
Ou talvez me tenham falado as vagas,
Com voz de homem, ou então um abutre,
Tendo devorado um grego diante de Troia
Vomitou a voz dele que palavra ainda.

FILOCTETES

Dai-me uma espada, um machado, uma lança.
Decepai-me as pernas com um ferro,
Que elas,
Não vos sigam contra minha vontade.
Arrancai-me a cabeça do corpo, que os meus olhos
Não vos sigam e às vossas velas que se afastam,
Que a minha voz, mais forte que as vagas,
Não vos siga até à praia, nem ao vosso navio sobre o mar.
Dos meus braços decepai também as mãos,
Antes que mudas, mendiguem um lugar
No banco dos vossos remadores,
Nas vossas fileiras.
Para que os vermelhos cotões não façam ainda
O que não querem, arrancai-me os braços ao corpo.
Insensível sobre a pedra insensível,
Ele não me recusará obediência, e assim o quero.



FILOCTETES
De quem são estes passos?

ULISSES
Tu conhece-los, Filoctetes.

FILOCTETES
Quem me nomeia com a inesquecível voz?

ULISSES
O que a tua voz não esquecer
Desde que, em missão, te atirou aos abutres.

FILOCTETES
Ferido em igual missão.

ULISSES
E desde então inútil com tal ferida.

FILOCTETES
Filoctetes.

ULISSES
Tu.

FILOCTETES
Sou eu? Quem és tu?

ULISSES
Ulisses, que tu conheces. Não te faças idiota.

FILOCTETES
Ulisses era um mentiroso. Se tu és Ulisses e me chamas
Filoctetes, eu decerto não sou Filoctetes.

ULISSES
Talvez Ulisses seja um tão grande mentiroso
Que faça crer a si próprio que é Ulisses,
E nisso mente também e na verdade não é ele próprio e não é mentiroso portanto
E se te chama Filoctetes, tu és Filoctetes.
Chega de conversa. Levanta-te e vem.

NEOPTOLEMO

Eu quisera que a guerra tomasse outro rumo
Que não a vitória dos nossos inimigos sobre os inimigos,
Um outro caminho para a glória para ti para mim
Que não aquele que hoje percorro nas malhas da
Infâmia em direcção à praia, para anunciar a vitória
Da mentira.
A fronte vermelha de vergonha, e entregar
Com as minhas mãos negras a presa da mentira
Ao meu inimigo e ao teu, para em seguida com a ajuda dele
Amarrar-te e arrastar-te para o navio,
A minha cabeça erguida pelo dever
Quando a tua cabeça se obstina contra o dever.
E de melhor vontade levaria a tua flecha no meu peito
E o teu arco nas minhas mãos.



ULISSES

Porque é que te deixei olhos e ouvidos?
Antes que a ferida dele abra o teu punho,
Dá-me a sua outra arma, o arco,
Volta para o navio e embala as vagas.
Chora se tens lágrimas, os peixes,
Porque deus lhes recusou asas,
Ou o navio, que nenhum remo já faz mover,
Espera até a vida voltar a ser-lhe cara.
Tão longe fomos nesta empresa,
Cafdos na armadilha dos nossos próprios passos e dos de um outro,
Não nos resta outra saída senão continuar.
Cospe a tua piedade, tem gosto a sangue,
Não há aqui lugar para a virtude,
Nem tempo agora.
Não perguntes pelos deuses, é com homens que vives.
Junto dos deuses, quando for altura, aprende-o de outra forma.

ULISSES

Deixa-me dizer-te, Ninguém, quem tu eras:
A rota de Tróia, a nossa rota para fora da tempestade.
O deus dos mares sacudiu a nossa armada,
Àvido, com ciúme velho, da floresta flutuante
Que o percorre, estranha à sua flora,
Com velha fome de nós, estranhos à sua fauna:
A vaga içava-nos até às nuvens,
Fendendo as nuvens a chuva rechaçava-nos,
Tudo em volta era hostil aos navios,
O mastro partia o mastro, o bordo despedaçava o bordo,
Quando por toda a parte o deus tinha tomado conta do leme,
A costa, mortal, para nós à deriva,
Girando no turbilhão das ondas
Que os ventos desunidos fustigavam,
Em parte alguma mais seguros que sobre a espuma,
Demasiado próximos da costa habitualmente muito longe.
Impossível o sacrifício ao deus rugidor,
A serpente tinha enroscado os seus anéis à volta do altar.
A missão de que cada um investia cada um,
Enfrentar a mordedura, foste tu que a cumpriste.
A rota de Tróia, a nossa rota, foi o teu pé que a abriu.
E de novo sobre nós o deus lançou o olhar,
E para nos reter, reteve o seu sopro.
O que o vento não pode, vento nenhum o pode, trinta velas,
Vazias, e impossível de novo o sacrifício,
Por tua causa agora, tu que tinhas possibilitado o anterior
Rugias ao silêncio prescrito.
A rota de Lemnos, o teu pé negro te a abriu,
A rota que, após tantos anos de exílio te conduz
Enfim à glória merecida, sou eu que te a abro.
Matando-me, fazes três mil mortos, três mil
E Tróia permanece intacta as nossas cidades estão perdidas.
O teu pé sobre a minha cabeça, dirige-se para as profundezas.
O verde não verás se eu não o vir,
Sou a tua erva e a tua árvore ou então elas não existem.



FILOCTETES

Ouve como o silêncio quebra o teu discurso.
Nada sei das cidades. Há uma cidade aqui?
Para mim não passam disto. Não acredito em nenhuma.
Edifícios de palavras, habitação para os sonhos,
Armadilhas colocadas por olhos cegos
No vazio do ar, vegetação produzida por crâneos apodrecidos
Onde as mentiras fecundam mentiras,
Não existem. Mentira também o vosso verde,
Nu está o meu universo e assim quero eu o vosso,
Uma coisa qualquer sem razão distendida entre dois nadas
Por deuses desempregados,

Cortada das suas próprias entranhas
Graças às quais a sua lepra tem poder sobre ele,
Lavado pelo fogo arrebatado à morada dos deuses,
Até que tenha poder sobre a sua lepra,
Esvaziado de tudo quando o nada retomar
O que emprestou ao tempo, as suas estrelas.
Arrancai os olhos, eles mentem, vazias
As órbitas dizem a verdade, a minha própria vida
Não tem outra verdade que a tua morte.



FILOCTETES

Escuta agora a tua tarefa, ao serviço dos generais:
Desembarcado sobre as pedras com um pé apodrecido
Que te faz cambalear sobre a pedra,
Fugindo sobre três pés, o quarto cheirando mal
E do qual não se pode fugir, fugindo ao teu rugido
De que não se pode fugir, mais sonoro pela fuga,
E, se tapas os ouvidos, mais sonoro dentro de ti
Completamente embriagado pelo próprio fedor,
Carcaca no meio de abutres, despedaçado pelos abutres, em breve
Rasteja, à porfia com a própria podridão
Que já te apanhou o pé e
Em breve te vai apanhar a ti, rastejador, rasteja mais depressa.
Aprendeste a gritar? Lemnos é a tua escola.
Sabes comer abutres? Isso ensina-se em Lemnos.
Come a tua colheita, árvore, erva, saboreia o teu verde,
Antes que de ti mesmo te arranque com as tuas raízes.



FILOCTETES

...

Nenhuma árvore aqui me ajudou a contar os anos:
O sol desenha sempre um círculo igual
E a lua o seu num sempre igual percurso
Ao longe sob os astros que caminham
Imóveis ao olhar, na rota negra.
Ao chegar a mil cansei-me de contar
Os seus levantes e poentes.
Diz-me quanto tempo fui na minha guerra
O inimigo de mim mesmo
Que me assaltava com armas mais terríveis
Que, diante de vós, as dos troianos,
Com olhar de ferro.
E para mim, a mais terrível arma não era a dor com que o pé doente me enterrava na
poeira
Era o meu terror: o meu inimigo não tem rosto.
Pudesse eu ver-me nos meus olhos,
Ao sol com flechas cravar o vento
Que me embacia com vagas o mar-meu espelho,
Nos olhos dos abutres talvez me pudesse ver
Mas só os pode aproximar a minha flecha
Que torna o seu olhar cego e no mesmo instante o meu.
Veria o meu rosto na hora de morrer
E não mais que um instante
De boa vontade por esse instante eu morreria
De boa vontade para me ver longamente morreria uma longa morte
Seria então o último a ter-me visto
Antes de desaparecer na fome dos meus hóspedes.
O que resta, ossadas sem particular interesse,
Depressa volvidas em poeira sob os céus inconstantes.
Poeira tão leve que o vento dispersa, e nada restará.
Tens dois olhos, mostra-me o meu rosto.
Tiras-me o meu rosto com os teus olhos.
Desvia os olhos, grego, eles mentem
Desvia os olhos antes que com as minhas unhas
Arranque dos teus olhos a minha imagem.
Ou então o meu olhar mente e eu próprio sou apenas
A memória em mim de um eu passado.
Reténs a respiração quando me aproximo.
Assim sei uma coisa: o meu fedor é real.

FILOCTETES

Um ser vivo na minha praia morta.
Uma coisa que caminha de pé; como eu outrora,
Sobre outro solo, sobre duas pernas sãs.
Quem és tu bípede? Homem, animal ou grego?

...

Usas as roupas de grego que eu também usei.
Sob as roupas de um grego pode estar um grego.
Ou abateste um grego, amigo?
Porque te chamo amigo, se pela tua mão
Um grego morreu e não pergunto porquê.
Era um grego, como razão chega.
Se a mim próprio me enviases para o
Reino das sombras, sou um grego
Não precisas ter outra razão.
E sou eu próprio quem te dará a morte
Se és o que as tuas roupas anunciam: um grego.
Porque gregos me atiraram para a pedra, no sal
A mim ferido ao seu serviço
E desde então inútil com tal ferida.
E gregos viram-no e não levantaram a mão.
Eis o que me resta da roupa sob o céu do exílio,
Vês com teus olhos o que resta do grego:
Um cadáver que se alimenta do seu túmulo.



FILOCTETES

Há quanto tempo não vejo o verde,
De que talhámos as nossas negras naves.
Há quanto tempo amaldiçoo aquele que começou
E deu o primeiro passo, calçado de navios
Inventor do meu exílio, agora caminho de regresso,
Seja louvado por isso e mais longamente.
Quanto tempo fui para mim próprio
Homem e mulher, em conflito com o sexo,
A outra ferida, e nenhuma saída da prisão do meu corpo
Quando as aves se acasalavam
Na espuma do mar salgado, que com uma vaga sempre outra
Estreita a pedra vermelha, meu rude leito.

ULISSES (a Neoptolemo)

Tu não o ajudas, se fizeres o que ele quer.
Cada instante aqui perdido
Mata-nos um homem na longínqua batalha.

FILOCTETES

Então, vou levar tempo, até que o último grego
Empilhado sobre uma montanha de cadáveres gregos, empilhados
Sobre o que foi uma cidade de nome Troia ou
De outro nome, grego,
Mais próximo da morada do trovão que do sol,
A espada quebrada, o escudo despedaçado,
O elmo amolgado pela rotação dos astros,
Seja abatido abatendo o último troiano,
Pelo último troiano, sobre a montanha de cadáveres troianos,
E que não restem senão os mortos na batalha
A baterem-se, putrefactos, por um lugar onde apodrecer.
Um instante é barato. Preço, um grego.
O que é um grego? Instante mais caro.



ULISSES

...partamos, troquemos de novo
O solo pouco firme pelo solo movediço,
A imagem do corpo acabado de enterrar pela vista
Dos corpos que enterram o solo doravante
Insuficiente para os enterrar, tão numerosos
E tão depressa mortos. E não em número suficiente
E não suficientemente depressa, porque a idade será
Nossa quando os mortos ultrapassarem as muralhas.

...

Se o peixe não veio vivo à nossa rede,
Morto que nos sirva de isco.
Melhor isco pode ser: ele não pode impedir
Que a sua ferida afie as suas lanças.